

FHC tenta trégua com a Igreja mas ataca d. Arns

O presidente Fernando Henrique Cardoso fez um esforço, segunda à noite, para melhorar as suas relações com a cúpula da Igreja Católica, dificultadas desde o veto ao aumento do salário mínimo. Em consequência do veto, o cardeal-arcebispo de São Paulo, dom Paulo Evaristo Arns, criticou a política social do Governo e se disse decepcionado com Fernando Henrique Cardoso. O Presidente devolveu a crítica, dizendo que dom Paulo estava sendo mal-assessorado. Na abertura do seminário "Política, Ética e Pobreza", promovido pela Conferência Episcopal Latino-Americana (Celam), entretanto, procurou encerrar a polêmica. Para justificar sua decisão, o Presidente falou longamente sobre os motivos que o levaram ao veto e confessou que sofreu dramaticamente ao ser obrigado a fazê-lo.

"Vetei e vetarei mais, sempre que necessário. Em alguns casos, ao ceder, ao invés de ajudar posso atrapalhar... Intimamente, estou fazendo o que posso para que as coisas funcionem bem", disse o Presidente.

Injustiças — Fernando Henrique reconheceu que o Brasil é um País socialmente injusto e que a pobreza é angustiante. Na política social,

disse que primeiro é preciso definir alvos, para depois avançar no campo das soluções. O programa de combate à fome foi uma etapa importante, exemplificou, mas agora outros passos precisam ser dados no rumo da definição de alvos e dos bolsões de miséria.

"Hoje temos que partir para outra fase. Não dá para atacar todos os problemas de uma só vez. Primeiro um, depois outro... Não adianta só clamar contra as injustiças. Limitando os alvos, podemos eliminar os problemas", explicou o Presidente.

Com o Plano Real, ele considerou que os pobres brasileiros tiveram uma melhoria significativa na qualidade de vida, já que os índices apontam para o aumento do número de empregos, e do consumo de carne, pão e sapatos. Para se chegar à fase de distribuição de riquezas, uma das prioridades de seu governo, Fernando Henrique disse que, primeiro, é preciso retomar o crescimento.

"No Brasil, se distribuirmos a riqueza disponível vamos distribuir a miséria. É preciso crescer mais, é preciso produzir mais", observou. Ele repetiu a previsão da equipe econômica de que a economia brasileira vai "continuar crescendo a

taxas elevadas".

Ética — Antes de Fernando Henrique, falou o secretário-geral da Celam, o bispo auxiliar de Brasília, dom Raimundo Damasceno. Ele criticou os políticos e diagnosticou a existência de uma crise ético-moral no exercício da vida pública no Brasil.

"Existem engodos nas campanhas eleitorais e corrupção na aplicação das verbas públicas", denunciou o bispo, que desejou a Fernando Henrique um bom governo, que priorize o crescimento com justiça social.

Sobre a classe política, Fernando Henrique disse que é preciso reconquistar a confiança e acabar com a idéia de que tudo que se refere aos poderes Legislativo e Executivo está conspurcado pela corrupção.

"O político não pode mais ser visto como aquele que disfarça, que faz zigue-zague para camuflar seus atos... Os novos políticos não podem mais ser uma geração da desconfiança", disse o Presidente.

O vice-presidente Marco Maciel, católico praticante, também foi convidado para a solenidade de abertura do seminário, que termina na próxima sexta-feira no auditório do Instituto Israel Pinheiro.